



AFETO E TERRITORIALIDADE: UM RELATO DAS VIVÊNCIAS ESTUDANTIS NUMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA

Gabriela Fraga de Paula ¹
Maria Beatriz Gonçalves Leite ²
Marília Albuquerque de Sousa ³
Yana Fabrícia e Silva Lucena ⁴
Luciana Lobo Miranda ⁵

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca relatar a experiência de uma oficina realizada em uma escola pública de ensino médio, localizada na região central de Fortaleza⁶. É importante salientar que é uma instituição com altas taxas de aprovações em vestibulares e por isso conta com um sistema de ingresso bastante concorrido e atende alunos de diferentes classes sociais, bairros da cidade e estruturas familiares, resultando em uma população estudantil heterogênea. A dinâmica proposta tem como objetivo fomentar uma reflexão sobre a territorialidade escolar e entender como os estudantes percebiam os afetos presentes nesse ambiente.

Quando falamos de território, no entanto, não nos referimos estritamente ao conceito da Geografia Política, de um espaço delimitado por suas fronteiras. Nos apoiamos em uma conceitualização mais ampla e subjetiva desse fenômeno. Para Raffestin (1993, p. 51) “o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder”. Nesse contexto, a escola, como instituição, pode ser entendida como território de produção e perpetuação do poder por possuir “a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo” (FOUCAULT, 2008, p.121).

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal - UFC, gabrielafraga@alu.ufc.br;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal - UFC, mariabeatrizgleite@gmail.com;

³ Mestranda do Curso de Psicologia da Universidade Federal - UFC, mariliaadesousa@hotmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal - UFC, profyana.uv2@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Professora titular, Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFC; Pesquisadora CNPq - Nível 2, luciana.miranda@ufc.br.

⁶ O presente trabalho é fruto da atuação do Projeto de Extensão É Da Nossa Escola Que Falamos, vinculado ao Laboratório em Psicologia, Sociedade e Subjetividade (LAPSUS), coordenado pela Professora Doutora Luciana Lobo Miranda.



O referencial teórico utilizado para a construção desse trabalho foi a pesquisa-intervenção, entendendo o papel de não neutralidade do pesquisador. Segundo Rocha e Aguiar (2003):

“O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 67).

As discussões e reflexões que permearam a oficina esboçaram a importância das relações interpessoais para os afetos construídos no ambiente escolar e evocaram a necessidade de um ambiente acessível e acolhedor para uma experiência positiva durante os anos finais da vida escolar. Assim, urge a necessidade de pensar e elaborar sobre a importância desses espaços na vida estudantil.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A oficina contou com a presença de cerca de 23 alunos, em sua maioria homens cis com uma média de 15 anos de idade e que cursavam entre o primeiro e o segundo ano do ensino médio. Além disso, foi facilitada por 4 integrantes do projeto de pesquisa e extensão e foi realizada durante a Mostra Científica e Cultural, um evento realizado pela escola que abarcava trabalhos desenvolvidos pelos alunos e palestras e oficinas de parceiros da escola, em dezembro de 2023. Assim, foi estruturada em três momentos: apresentação, construção de materialidade e conversa final, que ocorreram na duração de duas horas.

Durante a apresentação, todos apresentaram seus nomes e os estudantes disseram qual ano cursavam. Depois disso, as facilitadoras explicaram a ideia da proposta: materializar em uma folha de papel o lugar da escola que eles mais gostassem e que mais representasse o que é escola para eles. Foram disponibilizadas folhas de papel A4 brancas, canetinhas, tesoura, cola, lápis e revistas. Por fim, os jovens foram convidados a falar sobre suas produções e foi elaborada uma conversa partindo das experiências dos estudantes e dos temas afeto, escola, diversidade e territorialidade.

As discussões e reflexões apresentadas nesse trabalho foram elaboradas a partir da análise das materialidades produzidas e do diário de campo, sendo este uma ferramenta que permite o relato das reflexões, das percepções e dos pensamentos do pesquisador. Ao falar de



diário de campo, Lourau (1993, p. 72) diz que eles “falam sobre a vivência de campo cotidiana”. É justamente a reflexão vivencial desse campo que é posta em foco nesta análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da observação inicial das materialidades (ANEXO A), foi possível identificar diferentes ambientes dessa escola: um banco, a mesa do refeitório, a sala de aula e, repetidamente, a quadra. No entanto, a fala dos alunos evocavam as vivências desses lugares sempre relacionadas com as pessoas com quem eles compartilhavam. Fosse essas pessoas seus amigos, professores ou outros funcionários da escola, como a “tia da secretaria” ou o porteiro. Essas relações eram descritas como importantes fatores que tornavam o ambiente escolar mais agradável, possibilitando uma maior adesão aos estudos e à educação. Dessa forma, esses vínculos aparecem como proteções, se opondo aos diversos fatores de violência já vivenciados pelos jovens da periferia.

Mesmo que a atividade em questão tenha enfatizado essa a importância das relações interpessoais na experiência estudantil, é importante ressaltar que a percepção do espaço e dos atravessamentos produzidos pelas pessoas presentes nesse espaço é individual e atravessada pela história de vida de cada estudante, o que nem sempre garante o acesso às mesmas oportunidades, especialmente as de socialização.

Por outro lado, aos falar de seus desenhos, os próprios estudantes lamentaram a dificuldade de entrar em uma instituição acolhedora e de qualidade como essa na qual estudavam, ressaltando a necessidade de melhorias estruturais, tais como elevadores e salas de aula ampliadas, para que a escola se tornasse mais acessível para pessoas com deficiência e para que mais alunos fossem admitidos na escola. As melhorias, apesar de necessárias, eram colocadas como sonhos difíceis, devido ao investimento insuficiente na educação pública, reforçando, assim, que a luta por uma educação pública de qualidade e inclusiva continua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de que as amizades e relações ganharam grande enfoque nas discussões e reflexões provenientes da oficina, mesmo quando a proposta se voltava para os aspectos físicos dessa escola, demonstra um anseio pela convivência em sociedade e pela existência do outro, fatores que supostamente facilitariam a rotina. Assim, através da oficina foi possível traçar os afetos que marcam a convivência na escola articulada aos aspectos físicos. Além



disso, torna-se clara a vontade e necessidade de se criar meios acessíveis para essa socialização, sendo essas mudanças estruturais, como melhorias nos espaços físicos da escola, ou relacionais e espaciais, como a facilitação e abertura do acesso aos lugares que foram figurados como significativos para os estudantes.

Sobre esse campo de produção, muito já se fala sobre a importância das amizades entre crianças e jovens na adolescência e como isso impacta a vivência do ambiente escolar (MÜLLER, 2008; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2013). No entanto, a pesquisa abre espaço para que mais trabalhos futuros sejam elaborados pensando nessas outras relações interpessoais que ocorrem nesse ambiente, não se limitando aos alunos e professores, mas sim abrangendo os funcionários e a gestão escolar que compõem esse território. Além disso, é de extrema importância a criação de um espaço que permita a fala e o debate dos estudantes acerca do território escolar, estimulando o protagonismo dos jovens que habitam esse ambiente

Palavras-chave: Escola Pública, Território, Afetos, Diversidade.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURAU, René. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MÜLLER, F.. Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. **Educar em Revista**, n. 32, p. 123–141, 2008.

NOGUEIRA, E. J.; OLIVEIRA, M. de A. **Adolescente em situação de rua: relatos de amizades na escola**. Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, [S. l.], 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. *Geographia Opportuno Tempore*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 141–147, 2020.

ROCHA, M. L. DA .; AGUIAR, K. F. DE .. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 64–73, dez. 2003.

